

Ano 4, Vol. IV, Número 2, Jul-Dez, 2020, p. 642-659.

## UM OLHAR AO DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE CULTURAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA

### ONE LOOK TO THE DEVELOPMENT OF THE CULTURAL IDENTITY IN TEACHING-LEARNING OF HISTORY

Carlos Guerra Caquarta  
Rosell Ramón Hidalgo Herrera

#### RESUMO

O presente estudo evidencia a aula de História como espaço de desenvolvimento da Identidade Cultural numa perspectiva que sustenta-se nas tendências actuais sobre a relevância do processo de ensino-aprendizagem da História e as exigências do desenvolvimento da cultura inserido nos objectivos da Lei de Bases do Sistema de Ensino de Angola. Este artigo coloca em debate uma análise para favorecer o tema e suas abordagens, na concepção do ensino da História. Os métodos investigativos do nível teórico e empíricos empregados permitem, obter informações a respeito das concepções de diferentes autores sobre a identidade, a cultura e a Identidade Cultural e o nível de desenvolvimento nos alunos especificamente do II Ciclo do Ensino Secundário, com operações e acções que facilitam o processo de preparação da aula e outras actividades da escola como base para complementar o desenvolvimento da Identidade Cultural na disciplina de História.

**Palavras-chave:** Identidade, Cultura, Identidade Cultural, Processo de Ensino-Aprendizagem, Aula de História.

#### ABSTRACT

The present study evidences the class of History as space of development of the Cultural Identity in a perspective that is sustained in the tendencies about the relevance of the process of teaching-learning of the History and the demands of the development of the culture inserted in the objective of the Bases of Law of the Education system of Angola. This article puts in debate and analysis to favor the theme and their approaches, in the conception of the teaching of the History. The methods investigative of the level theoretical and empiric employed allow, to obtain information regarding the different authors' conceptions on the identity, the culture and the Cultural Identity and the development level in the students specifically of the II Cycle of the Secondary Teaching, for that the main objective with, operations and actions that facilitate the process of preparation of the class and other activities of the school as base to complement the development of the Cultural Identity in the discipline of History.

**Word-key:** Identity, Culture, Cultural identity, Teaching-Learning Process, Class of History, Methodology.

## **INTRODUÇÃO**

A educação como fenómeno social garante a transformação da personalidade e exige o aproveitamento óptimo de todos os indivíduos e cenários possíveis. A dinâmica dos processos sociais demanda a existência de modelos educativos dirigidos a alcançar a equidade e igualdade de possibilidades. O sistema educacional angolano com estas aspirações possibilita assumir esses modelos a favor de garantir a formação de cidadãos de acordo com suas condições políticas, económicas, sociais e culturais. Neste sentido, o tratamento e o desenvolvimento da Identidade Cultural como aspectos da cultura dos povos e sua identidade, constitui uma necessidade.

A presença da História no currículo escolar sempre gerou uma interessante polémica, por isso para uns deve manter-se na escola e para outros seu processo de ensino-aprendizagem deve sair desta. Existe uma tradição da presença da disciplina de História na escola como um processo paulatino de elevação da qualidade de seu ensino que chega até aos nossos dias. Quando docentes ensinam História não podem estar alheios ao que acontece em seu contexto, os problemas que enfrentam e as temáticas que estudam. Desde esta perspectiva a escola está em condições de aproveitar todo universo de informação, conhecimento e cultura dos povos para a educação em geral e para o ensino de História em particular.

O estudo da Identidade Cultural pode ser analisado como parte da política educativa inserido na Lei de Base do Sistema de Educação e Ensino de Angola (Lei nº17/16, de 7 de Outubro), como parte das tendências mundiais no processo de ensino-aprendizagem da História de maneira geral. Esta tem que ser contextualizada segundo as potencialidades do contexto educativo de cada região, como parte do cumprimento dos objectivos específicos da área sócio-afectivas em cada plano de aula tanto de História como de outras disciplinas do currículo. A Identidade Cultural está indissolivelmente ligada ao conhecimento de factores histórico-sociais que condicionam o potencial do ser humano para sua materialização.

Angola parte integrante do continente africano, espaço este habitado antes por povos agrafos, ou seja, povos que se desenvolveram ao longo dos tempos longe da escrita. Partes das comunidades angolanas viram o seu alvorecer através da tradição transmitida pela via oral. Vários apelos têm sido feitos sobre a cultura e em particular a tradição por forma,

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

a se manter viva a cultura e a história e que ambas não sejam desconhecidas pelas gerações novas.

O Presidente António Agostinho Neto, aquando da I Conferência Nacional da Juventude (17.10.1978) apelou da necessidade do respeito à História bem como as nossas tradições. Temos que guiar-nos por aquilo que é realmente nosso, angolano porque o povo é angolano. E se nós não respeitarmos as tradições, os costumes, a história do nosso Povo, nós não podemos organizar nada (Departamento de Educação Política – MPLA, 1978:86 - 87).

De acordo com Andreia, Adilsen e Simone (2019, p.7) a Identidade Cultural é um sistema de representação das relações entre pessoas e grupos, que envolve o compartilhamento de patrimônios comuns como a língua, a religião, as artes, o trabalho, os desportos, as festas, entre outros, e que justamente, nos oferece a oportunidade de convívio em sociedade.

A partir desta perspectiva, o tratamento de aspectos que compreende a Identidade Cultural (língua, usos e costumes, alimentação, arte e património cultural, religião, rituais, entre outros) tem merecido pouca atenção, pois os programas de ensino e currículos não contemplam estas abordagens de forma directas; o que não permite sempre os docentes tratarem deste assunto em salas de aulas.

A sistematização a partir da experiência dos autores permite constatar que ainda a fundamentação didáctica e metodológica que se aplicam sobre a temática, não são suficientes para que os professores do II Ciclo do Ensino Secundário a integrem coerentemente na condução do processo na escola. Sendo um dos principais objectivos da História resgatar os aspectos culturais de um determinado povo ou região para o entendimento do processo de desenvolvimento e resgate da Identidade Cultural, apresenta-se a seguinte problemática relacionada com o desenvolvimento da Identidade Cultural no processo de ensino-aprendizagem da História. Este resgate passa necessariamente a ser a função da escola na educação das novas gerações, estudantes e famílias para evitar a desvalorização da cultura, aspectos que precisa retomar-se no cenário investigativo.

## **DESENVOLVIMENTO**

O estudo teórico das fontes em relação com o tema revela a amplitude de sua essência e a polêmica que resulta do seu conteúdo. Estas questões são evidentes a partir da diversidade de posturas intelectuais e pressupostos que assumem e defendem os estudiosos do tema. As tendências transitam sobre a análise do processo, passando pela definição e conceptualização dos termos que conformam a palavra Identidade Cultural até a considerar as formulações teóricas em torno deste conceito.

A Identidade Cultural converteu-se em tema de obrigatória referência para as ciências sociais; ao abordar os problemas que enfrentam a humanidade na actualidade, porque dela depende a existência dos povos e das diferentes formas de comunidades humanas como entidades independentes. Para abordar esta problemática é necessário ter em conta as diversas fontes que referem-se aos termos de identidade e cultura, tendo em conta que a identidade orienta o homem através da história e a cultura é produto do desenvolvimento da sociedade.

Procura-se em primeira instância dedicar a compreensão da identidade e da cultura como componentes regentes desta abordagem. As sociedades actuais nunca deixaram de guiar-se pelos aspectos que constituem a cultura e histórias próprias, pesa embora muitas delas tendem a se distanciarem. A vida em sociedade requer a aquisição e transmissão de conhecimentos e cultura como elementos que permitem o desenvolvimento da identidade nas novas gerações.

### **A Identidade e a cultura.**

Considera-se necessário a abordagem dos termos identidade e cultura. Neste sentido, identidade é o reconhecimento de um conjunto de caracteres particular que identificam e podem diferenciar pessoas, animais, plantas e objectos inanimados uns dos outros.

Com base em MacIntyre (2001) e Friedrich (2005), citado por Bastos (2014, p.17), “ressalta-se que cada tradição reflete o modo de vida social e moral de que é parte integrante, diferenciando-se entre si não só em relação aos temas da justiça e racionalidade prática, mas também nas concepções de virtudes, do eu, das cosmologias metafísicas e de seu histórico”.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

Relativamente ao conceito de identidade, coexistem várias perspectivas, embora todas assumam que este é um conceito múltiplo, não se reportando a um atributo fixo. Com efeito, a identidade é considerada um elemento de natureza dinâmica, relacional e situacional (Beijaard et.al., 2004; Beauchamp e Thomas, 2009; Akkerman e Meijer, 2011), que implica a criação de sentido e (re) interpretação dos próprios valores e experiências (Giddens, 1994).

Para Castells (2007, p. 22) a identidade é fonte de significado e de experiência de um povo. É “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”.

Para Pimenta (2005) a identidade não é assim um dado imutável, nem externo, que possa ser adquirido, mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado. Já Dubar (1997) citado por Vozniak, et. al., (2016, p.3) materializa o processo situado como sendo o resultado da socialização, que compreende o cruzamento dos processos relacionais e biográficos.

Outro elemento que emerge é que todas as pessoas possuem múltiplas identidades inter-relacionadas entre si (Akkerman e Meijer, 2011), um ‘*core identity*’ (Gee, 2001), que lhes confere uma certa unicidade. Face a este quadro, Vozniak, et al. (2016, p.13) compreendem que a construção da identidade é um processo contínuo de socialização, onde a forma como o indivíduo se percebe no futuro, está intimamente relacionado com a forma como este é visto nas interações do seu quotidiano, seja no contexto pessoal, seja no laboral. Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade torna-se fonte básica de significação social.

O carácter assuntivo da identidade possibilita estudá-la em suas distintas dimensões como o conjunto de rasgos significativos que compartilham as pessoas de um mesmo povo, com uma mesma história, um mesmo território e que, uns e outros, sentem-se identificados por esse conjunto de rasgos. O certo é que a identidade expressa como são os povos e como acreditam que são. É comunidade e igualdade sobre a base da síntese da diversidade do processo. É tanto o ser como a consciência desse ser, a unidade do objectivo e o subjectivo. Os elementos subjectivos são mais dinâmicos, mais não existem fora dos contextos históricos determinados e relações objectivas que o determinam.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

Não se pode falar de identidade sem apreensão consciente da memória histórica, sem sentido de pertença, sem vontade, sem sentimento, sem responsabilidade, sem auto-reconhecimento. Para o presente estudo entende-se por identidade aquilo que se relaciona com o conjunto de entendimentos que uma pessoa possui sobre si mesma e sobre tudo aquilo que lhe é significativo.

Consequente a isto, cultura é o conjunto de tradições, crenças e costumes de determinado grupo social. É a soma de padrões dos comportamentos humanos envolvendo seus conhecimentos (experiências, atitudes, valores, crenças, religião, língua, entre outros). A partir desta perspectiva analisa-se a cultura como um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, aprendidos e transmitidos de geração em geração através da vida e da prática social.

No senso comum o termo cultura é utilizado para indicar o desenvolvimento do indivíduo por meio da educação, da instrução. Indica pessoa que adquiriu domínio no campo intelectual ou artístico.

Para os antropólogos a Cultura “[...] engloba os modos comuns e aprendidos da vida, transmitidos pelos indivíduos e grupos, em sociedade”. (Marconi e Presotto, 1989, p.41). Para W. Goodenough citado por Laraia (1994, p.62) cultura é um sistema de conhecimentos “[...] consiste de tudo aquilo que alguém tem de conhecer ou acreditar para operar [viver] de maneira aceitável dentro de uma sociedade”.

De acordo com Tylor (1920) citado por Moura (2012, p. 1) Cultura “[...] é aquele todo complexo que inclui conhecimentos, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade”.

Segundo o autor em referência e conforme a formulação de Tylor (1920), a cultura é um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais artificiais (isto é, não naturais ou biológicos) aprendidas de geração em geração por meio da vida em sociedade. Cultura significa a herança social e total da Humanidade; como termo específico, uma cultura significa determinada variante da herança social. Assim, cultura, como um todo, compõe-se de grande número de culturas, cada uma das quais é característica de um certo grupo de indivíduos.

É essencial para a compreensão da cultura partir da relação sujeito-objecto como processo dialético de interação no qual a cultura material se apresenta em unidade com a espiritual.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

Esta última tem por ingrediente substancial a primeira. Seu estudo científico não pode realizar-se fora do contexto do modo de produção de bens materiais no que se desenvolvem, do qual expressam seus essenciais, ligado a interesses sócio classistas.

Cultura é um sistema vivo que inclui um sujeito socialmente definido que actuando de determinada maneira em uma situação histórica e geográfica específica, produz objetos materiais e espirituais que o distinguem. A cultura neste sentido amplo surge (forma-se) conjuntamente com o sujeito e sua actuação na sociedade. O homem que vive e desenvolve-se dentro de uma cultura determinada procura incessantemente sua identidade que se foi convertendo em um problema, devido em grande medida, ao vertiginoso desenvolvimento científico e tecnológico, que implica mudanças radicais na forma de ser e de pensar. Isto provoca confusão e dúvida à pessoa que ao não ter sua identidade bem definida, pode cair em um vazio existencial, adotar posições pessimistas e perder seu sentido da vida.

Para o presente trabalho entende-se a cultura como a totalidade de padrões aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano. Como um complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, morais, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. Portanto corresponde, neste último sentido, às formas de organização de um povo, seus costumes e tradições transmitidas de geração para geração que, a partir de uma vivência e tradição comum, se apresentam como a identidade desse povo.

Conseqüentemente com análise feita a Identidade Cultural é aquele processo encarregado de desenvolver a cultura e a identidade dos povos de maneira que a nacionalidade própria de cada parte da sociedade possa ter como objectivo fundamental acrescentar a própria cultura de cada povo. Nenhuma pessoa pode desenvolver o que não conhece, assim é necessário que se desenvolva uma aprendizagem na base da cultura, isto é, dos elementos que tipificam as raízes de cada povo. O desenvolvimento social está relacionado com o desenvolvimento da Identidade Cultural de cada povo na medida em que o homem é inserido no mundo social da sua cultura.

A Identidade Cultural é um conjunto híbrido e flexível de elementos que formam a cultura identitária de um povo, ou seja, que fazem com que um povo se reconheça enquanto agrupamento cultural que se distingue dos outros.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

A identidade de um povo ou de uma nação abrange, entre outros aspectos um conjunto de critérios distintos e comuns tais como a língua, a religião, costumes, o território, a história, os critérios morfológicos de esculturas e os antepassados. Também a identidade no sentido lato traduz um conjunto de dados objectivos que caracterizam o estado do desenvolvimento das estruturas económicas, políticas e ideológicas em que cada povo está inserido, (Cipriano, 2014, p.45).

A nação angolana é rica em valores, saberes, técnicas, religiões, tradições, artes e iniciativas diversas nos domínios políticos, económicos e sociais que constituem os pilares para a sua “Identidade Cultural” (Peres, 2014, p.61).

A educação como fenómeno social, historicamente desenvolvido como núcleo do processo socializador, inicia-se no seio familiar, onde se assimilam os componentes essenciais da cultura, tradições e história, a partir do próprio treinamento da linguagem. Este processo continua na escola, a partir de um processo organizado na instituição social, como centro de influências educativas. É de destacar a importância da necessária integração do sistema nacional de educação com todos os agentes educativos de socialização, na elaboração de estratégias e acções comuns tendentes a obter a preparação do indivíduo, para sua vida mais útil e plena, em total harmonia com a sociedade.

Torna-se necessário fazermos uma incursão teórica sobre os elementos que tipificam a Identidade Cultural, destacando-se a religião, as crenças, os usos e costumes, a língua, as tradições ou rituais, modos de vida e educação.

De acordo com Da Silva Neto (2012, p.73), refere que embora a educação nos grupos fosse passada de forma oral, os meios usados permitiram que as pessoas conseguissem preservar os valores culturais como as línguas nacionais e outros valores da cultura.

Neste sentido a autora afirma que a educação nas tribos era dada através do saber tradicional, para inserir o individuo dentro dessa cultura por meio da capacidade que se tinha de conservar, na memória popular, as verdades indispensáveis e a capacidade de lidar com a cultura e a tradição. A educação oral está implícita nos contos, nos provérbios, nas histórias, nos mitos e ritos, na música e dança; em todas as manifestações culturais dos membros da tribo. A aprendizagem se processava com base na tradição oral como testemunho transmitido de geração em geração.



*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

Para Piletti (2004, p.11), cada país, cada sociedade tem realidades e valores diferente e, por isso, tem uma concepção diferente de educação. A ideia de educação de cada povo depende, portanto, da sua realidade concreta e de seus valores.

Uma educação só será viável em larga escala quando a experiência quotidiana de cada cidadão, de cada comunidade ou de cada grupo social – em sua vida e em seu trabalho, em seu modo de comportamento e em suas relações com os outros – se transformar em fonte de questionamento, de criatividade, de participação e, portanto, de conhecimento (Piletti, 2004, p.22).

De acordo com Libâneo (2006, p.17), cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação activa e transformadora nas várias instâncias da vida social. A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a actuar no meio social e transformá-lo em função de necessidades económicas, sociais e políticas da colectividade.

Através da acção educativa o meio social exerce influências sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e ao recriarem essas influências, tornam-se capazes de estabelecer uma relação activa e transformadora em relação ao meio social. Tais influências se manifestam através de conhecimentos, experiências, valores, crenças, modos de agir, técnicas e costumes e acumulados por muitas gerações de indivíduos e grupos, transmitidos, assimilados e recriados pelas novas gerações (idem.p.17).

Nas actuais propostas curriculares as concepções de conteúdos escolares e de aprendizagem centram-se na relação entre ensino e aprendizagem e não mais exclusivamente no ensino, como anteriormente. Ensino e aprendizagem são entendidos a partir de então como indissociáveis e os métodos de ensino passam a ser associados a um processo que envolve cuidado nos critérios de seleção de conteúdos e, encontram-se ligados à avaliação, (Azevedo e Stamatto, 2010).

Acerca do que e como ensinar História, Caimi (2001) mostra a existência de tendências organizadas em cinco grupos, são elas: 1) a realidade social como objecto, objectivo e finalidade do estudo da história; 2) a integração entre ensino e pesquisa; 3) a formação e actuação do professor voltada para uma autonomia intelectual e compromisso político; 4)

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

o tempo presente como ponto de partida, os eixos temáticos e as múltiplas temporalidades; e 5) a pluralidade cultural. Todas essas tendências foram consideradas no ensino da História.

Para o nível médio, o ensino de História mantém a proposta de organização dos conteúdos por eixos temáticos e da utilização de fontes no ensino, atentando aí para o ensino e a aprendizagem do processo de produção do conhecimento histórico, em prol da efetivação de uma autonomia intelectual do aluno. Os temas de ensino de História propostos, são ainda articulados aos temas transversais: meio-ambiente, ética, pluralidade cultural, saúde; educação sexual, (Caimi, 2001).

É importante que o professor ao ensinar História atente para o desenvolvimento de noções como espaço, tempo, relação, história, semelhança, diferença, mudança, sociedade etc., para que os alunos aprendam a se situar e situar os outros no mundo, a perceber as relações existentes entre elas e as pessoas e entre os diferentes objetos que as cercam. O objectivo desse ensino é sistematizar o conhecimento do aluno na dimensão familiar, da história da cidade e do quotidiano, pela explicitação de seus referenciais valorativos culturais e sociais.

Dessa forma, o pressuposto da realidade social como ponto de partida e de chegada do ensino e da aprendizagem em História. Isso ocorre na medida em que se propõe a valorização das experiências individuais e colectivas dos alunos e a compreensão de suas relações sociais e históricas como ponto de partida da formação da consciência histórica. Sendo a mudança, uma das bases da história, seus conceitos estão ligados a determinados contextos.

O ensino e a aprendizagem da História não podem, portanto, prescindir de uma sólida base conceitual. É importante que o professor busque fazer com que o aluno compreenda conceitos e características de determinada sociedade em referida época, mas principalmente, que possibilite o estabelecimento de relações entre os aspectos temporais entre as diversas culturas, ou seja, que historicize cada espaço.

Azevedo (2010) afirma, no entanto, que o domínio de conceitos pelos alunos depende de condições como: idade, nível de desenvolvimento, meio social e cultural de origem etc., característica a que o professor deverá considerar em suas aulas ao abordar determinados conceitos em sala de aula, além de estar atento ao currículo e ao programa da disciplina.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

Porém, a viabilidade do processo de ensino-aprendizagem em história com base em conceitos, diferenciando-se, obviamente, a condução do processo de acordo com as características do público escolar.

A contribuição da História ao desenvolvimento identitário e cultural é de importância vital já que são reconhecidos na formação da nacionalidade dos povos. Sobre o pensamento histórico se expõe na literatura, como forma superior ao aplicar os saberes contextualizados na sociedade.

Sobre a base da análise feita a partir do critério de caracterização: papel do ensino e a aprendizagem da História reconhecidos em eventos e escolas internacionais, oferece-se uma caracterização que tem dois indicadores essenciais: reconhecimento do ensino e a aprendizagem da História no tratamento e desenvolvimento da identidade e a cultura (Identidade Cultural).

Determinar, então, até que nível deve desenvolver o pensamento histórico expresso nos termos anteriores é um problema que deve ser resolvido pela própria sociedade e por seus sistemas educativos. O ensino da História na escola deve trabalhar por conseguir um pensamento que em determinados momentos transmita conhecimentos para resolver situações práticas a partir da relação passado, presente e futuro, em outros momentos se deve trabalhar de maneira intuitiva construindo novos conhecimentos, a partir dos elementos que caracterizam a Identidade Cultural dos povos, (Saldaña, 2014).

Uma breve caracterização, a partir, do predomínio das correntes mundiais no ensino da História em geral e da Identidade Cultural da História em particular, desde a segunda metade do passado século e até chegar às tendências actuais, pode-se resumir da forma que os objectos de estudo da História são os que em cada contexto regeu a vida dos homens em geral, ou seja, constituem objectos da realidade. Na História, para poder investigar as propriedades de seus objectos e descobrir suas relações, deve realizar uma contextualização da vida dos homens. Entretanto dita abstração deve ter um carácter eminentemente prático.

Este facto obriga a que o material histórico objecto de estudo se estruture partindo sempre de situações da vida real e com o fim de transformar essa realidade, e neste sentido, os sistemas interrogantes devem estar estruturados de maneira que estimulem a observação do contexto em que se vive, promovam o pensamento do aluno, permitam fundamentar a

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

aplicação prática do conhecimento obtido, de uma vez que deixem nas experiências para adquirir novos conhecimentos, evidenciando que este é ilimitado.

As aspirações anteriores, respondem às novas exigências que a sociedade impõe ao processo de ensino – aprendizagem da História, concretizadas na necessidade de formar às novas gerações com um alto grau de independência, de modo que possam transformar-se a si mesmos, e, transformar a realidade circundante. Nos últimos anos se propuseram as seguintes transformações relacionadas com a aprendizagem, especificamente da História. Para leccionar a disciplina se necessita da presença da moderna tecnologia no ensino.

A educação demonstrou ser suscetível aos avanços tecnológicos. A incorporação da tecnologia é a provocação para fazer um trabalho racional e sensato da História. Desde finais da década de noventa se declarou o ensino da História como uma prioridade encarregada de fortalecer a formação de valores sobre a base da busca da identidade nacional, suas raízes históricas e a reafirmação como povo ante os desafios do mundo de hoje. Isso implica inserir nos conhecimentos a formação de valores, sentimentos que identificam ao homem como ser social.

As exigências anteriores do ensino da História podem cumprir-se através da concepção de uma aprendizagem desenvolvedora, onde se eleva a um plano superior a aprendizagem, operando com uma concepção integradora de que o processo de ensino – aprendizagem deve conceber-se para instruir, educar e desenvolver.

Azevedo e Stamatto (2010) afirmam que “para o processo de ensino-aprendizagem da História de acordo com as actuais discussões acadêmicas e propostas curriculares nacionais tendo em vista um bom exercício do ensino, são exemplo de práticas: - ensino que possibilite a construção em bases dialógicas; - acesso à prática de pesquisa de acordo com a progressão da aprendizagem dos alunos; - uso de diferentes linguagens; - conhecimento de teorias cognitivas e interacionistas capazes de explicar como se realiza a organização da estrutura cognitiva dos alunos para a compreensão e transformação do processo ensino-aprendizagem; - metodologias participativas; - história local e regional com relações com o geral, pelos caminhos da pesquisa, entendida como criação e não cópia de lição; - construção de conceitos, entre outras práticas”.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

Em Angola, a inserção destas tendências no ensino e a aprendizagem da História teve suas particularidades; tendo em conta a Didáctica da História, as que estão vigentes reestruturadas e contextualizadas em correspondência com o momento histórico existente e depende da profissionalidade dos professores que leccionam a disciplina. Nos anos 90 há um compromisso maior do ponto de vista das investigações pedagógicas relacionadas com o ensino da História, incrementam-se os estudos e seu impacto no ensino, a introdução dos resultados e a busca de alternativas didácticas.

Consequentes com esta análise, o ensino-aprendizagem na disciplina de História, conduz à aquisição e individualização da experiência histórico-social, interpretamos que o estudante se aproxima gradualmente, como processo, ao conhecimento de uma posição transformadora, com especial atenção às acções colectivas, que promovem a solidariedade e o aprender a viver em sociedade. No entender deste autor, esta concepção se apoia na relação história-aluno-sociedade, na qual o aluno é um agente activo do vínculo entre passado e presente o que permite projectar de forma positiva o futuro.

Para superar dificuldades no ensino-aprendizagem em História considera-se também importante o conhecimento sobre diferentes tendências da história e da educação, afim de que o professor possa refletir sobre que tipo de aprendizagem e de que conhecimento histórico está enfatizando no currículo escolar. As teorias não são de cumprimento obrigatório, princípios imutáveis ou ainda detentoras de poderes absolutos. A teoria funciona como uma espécie de lente através da qual pode-se enxergar melhor a realidade, sugere perguntas e indica possibilidades. O ensino de História actualmente sob a influência das mais novas correntes de pensamento historiográfico toma a realidade social como objecto, objectivo e finalidade do estudo da história.

Para Denise (2007), tudo o que rodeia a educação institucionalizada é fruto de nossa própria história de sociedade em suas mais variadas ramificações. As concepções sobre a educação também fazem parte dos caminhos tomados pela humanidade em sua incansável procura de cultura e conhecimento.

Para Carvalho (2012), as identidades estão intimamente vinculadas à classe social, gênero, idade, etnia, raça, língua, costumes, educação, religião, tradições presentes nas relações sociais. A escola deve empreender, no seu quotidiano, como recomendam os Parâmetros Curriculares Nacionais (2011), uma reflexão acerca das múltiplas

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

identidades, necessárias para a construção de uma sociedade democrática. A pluralidade cultural, presente no cotidiano escolar, ratifica a diversidade cultural como traço fundamental na construção das identidades.

A reflexão sobre a identidade aponta para o processo de interação dos indivíduos nos diversos espaços sociais nos quais buscam construir uma gama de sentidos de si mesmos e, simultaneamente, do outro. Esse processo de conhecimento não se reduz, contudo, apenas a um conjunto de crenças e representações sobre si mesmo e do outro, mas, também, pelo ambiente social no qual estão inseridos que se convergem na produção da identidade. (Idem, p.210).

Nesse aspecto, as instituições sociais adquirem um importante significado no processo de construção da identidade, posto que constituem-se no espaço de produção de saberes, de experiências, de inter-relações, de comunicações, de intenções e das operações de sentido – simbólicas. Cada instituição social possui estrutura, modos e meios de funcionamento específicos. Nelas, as relações sociais são instituídas dentro de modelos culturais pré-estabelecidos, investidas de afetos e representações acerca do conjunto de relações e práticas que tem uma referência em comum, de tal forma que sejam acessíveis aos atores sociais.

As escolas, portanto, funcionarão como fio condutor que une, orienta e exhibe todo um conjunto de referências acerca da construção da identidade dos alunos. Para além das instituições, as escolas são comunidades de vida e de destino, cujos membros vivem juntos e numa ligação absoluta, (Carvalho, 2012).

No mundo contemporâneo, as identidades são necessárias para que reconheçamos nossa pertença: o que somos, o que temos em comum, o que nos diferencia dos outros e o que gostaríamos de ser.

Na escola através do processo de ensino-aprendizagem devem ser introduzidos valores, ideias, conhecimentos e símbolos presentes na sociedade e indiretamente relacionados com a Identidade Cultural. Cada escola deveria ser considerada como um ecossistema, como uma comunidade de organismos (corpos docente, discente e administrativo), relacionando-se entre si e com o meio social fonte da história e da cultura.

Nessa perspectiva, o professor é mais útil se desempenhar outros papéis, além do de dar informações dos conteúdos programados. Cabe-lhe, assim, atuar na promoção de

processos, no que diz respeito ao tratamento das identidades, de conhecimentos e de atitudes indispensáveis à formação do cidadão e de uma sociedade mais solidária tendo como base a história.

## CONCLUSÕES

Favorecer a Identidade Cultural, contextualizados na concepção desenvolvidora do ensino- aprendizagem, permitem integrar os aspectos identitários no processo educativo e na sociedade. Sua articulação deve transcender este processo. Neste sentido o tema abordado transversaliza o processo de ensino-aprendizagem e favorece modos de actuação que potencializam a formação do pensamento e a preparação para a vida de cada pessoa.

Favorecer a formação integral, do carácter activo criativo e transformador em cada estudante, constitui uma aspiração social inserida na Lei de Base do Sistema de Educação de Angola. No desenvolvimento desta investigação se mostram experiências de trabalho que permitem sua aplicação na prática educativa. Os fundamentos teóricos da Identidade Cultural, contextualizados na concepção desenvolvidora do ensino- aprendizagem, permitem integrar os aspectos identitários ao processo educativo. Sua articulação deve transcender este processo e ao currículo escolar, deste nível de ensino.

Neste sentido o desenvolvimento da Identidade Cultural no ensino da História transversaliza o processo de ensino-aprendizagem e favorece modos de actuação que potencializam a formação do pensamento e a preparação para a vida de cada estudante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKKERMAN, S. e MEIJER, P. (2011). *A dialogical approach to conceptualizing teacheridentity*. Teaching and Teacher Education, v. 27, n. 2, p. 308-319, fev. 2011.

Angola. Assembleia Nacional. *Lei nº 17/16, de 7 de Outubro de 2016*. Nova Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino. Diário da República, I Série-Nº170, 2016b, p.3994-4012.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

AZEVEDO, Crislane. e STAMATTO, Maria. (2010). *HISTORIOGRAFIA, PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM E ENSINO DE HISTÓRIA*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Revista Metáfora Educacional (ISSN 1809-2705) – versão on-line, n. 9, dez./2010.

AZEVEDO, Crislane. e STAMATTO, Maria. (2010). *HISTORIOGRAFIA, PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM E ENSINO DE HISTÓRIA*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Revista Metáfora Educacional (ISSN 1809-2705) – versão on-line, n. 9, dez./2010.

BASTOS, Pedro. (2014). *A Identidade Cultural como Direito Fundamental no Contexto da Globalização e seu Papel Afirmativo da Construção de Políticas Públicas no Mundo Lusófono*. Rio de Janeiro. Brasil.

BEAUCHAMP, C. e THOMAS, L. (2009). *Entendendo a identidade do professor: Uma visão geral dos problemas da literatura e implicações para a formação de professores*. Cambridge Journal of Education, Cambridge, v. 39, n. 2, p. 175-189, maio.

BEIJAARD, D., MEIJER, P. C., e VERLOOP, N. (2004). *Reconsidering research on teachers' professional identity*. Teaching and Teacher Education, 20(2), 107-128. doi:10.1016/j.tate, fev.2004.

CAIMI, Flávia Eloisa. (2001). *Conversas e controvérsias: o ensino de história no Brasil (1980-1998)*. Passo Fundo: UPF.

CARVALHO, Mauro. (2012). *A Construção das identidades no Espaço Escolar*. Belo Horizonte. Brasil.

CASTELLS, Manuel. (2007). *O poder da Identidade. A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Volume II. Lisboa: Fundação Colouste Guibenkian.

CIPRIANO, Sony Kambol. (2014). *As Identidades Esculturais, Regionais e Nacionais*. In Colóquio sobre Identidade Cultural; Identidade Nacional. (Comunicações). Ministério da Cultura. EAL – Edições de Angola, Lda. 1ª Edição. Luanda.

DA SILVA, Teresa José. (2012). *História da Educação e Cultura de Angola. Grupos nativos, Colonização e a Independência*. 2ª Edição. Editora ZAINA.

Departamento de Educação Política-Ideológica de Propaganda e Informação do Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho. (1979). *Discursos do Camarada Presidente*



*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

António Agostinho Neto. Edição Trimestral. Set./Out./Nov./78. Gráfica Popular U.E.E. – Luanda.

GIDDENS, A. (1994). *Modernidade e Identidade pessoal*. Oeiras: Celta.

LADICA, Andreia., CLAUDIA, Adilsen e BATISTA, Simone. (2019). *IDENTIDADE CULTURAL DOS REFUGIADOS: UM OLHAR SOBRE A REALIDADE DO ALTO TIETÊ*. Revista Diálogos Interdisciplinares. VOL. 8 N° 3 - ISSN 2317-3793.

LARAIA, Roque de Barros. (1994). *ÉTICA E ANTROPOLOGIA ALGUMAS QUESTÕES. SÉRIE ANTROPOLOGIA 157*. Brasília.

LIBÂNEO, José. (2006) – *Didática*. Cortez Editora. Brasil – SP.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Mara Neves. (1989). *Antropologia: Uma Introdução*. 2.ed. São Paulo: Atlas.

MARIA, Denise. (2007). *Paradigmas Contemporâneos da Educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista*. FAGED-UFC. Brasil.

MOURA, António. (2012). *Antropologia e Educação*.

PERES, Alberto Eduardo. (2014). *Angola: Povos e Cultura*. In Colóquio sobre Identidade Cultural; Identidade Nacional. (Comunicações). Ministério da Cultura. EAL – Edições de Angola, Lda. 1ª Edição. Luanda.

PILETTI, Claudino. (2004) – *Didática Geral. 23ª Edição*. Editora Atlas. São Paulo – SP.

SALDAÑA, Lázaro. (2014). *Alternativas Didáctico Metodológicos no Ensino da História. Tese de Mestrado*. Universidade Holguim. Cuba.

TYLOR, Edward. (1920). *Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Language, Art, and Custom*, John Murray (disponível on-line: <http://www.archive.org/details/primitiveculture01tylouoft>).

VOZNIAK, Luciano., MESQUITA, Isabel e BATISTA, Paula. (2016). *A Identidade Profissional em análise: um estudo de revisão sistemática da literatura Educação*. Revista do Centro de Educação, vol. 41, núm. 2, mayo-agosto. Santa Maria, Brasil.

**Recebido: 21/7/2020. Aceito: 29/7/2020.**

**Autores:**

**Carlos Guerra Caquarta.** Licenciado em Ciências da Educação, Especialidade História na Universidade Katyavala Bwila, ISCED Cuanza-Sul. Mestrando em Ciências da Educação, Especialidade Ensino da História na UKB, ISCED Cuanza-Sul. 925775684/918663366. Reside em Angola, Província do Cuanza-Sul, Cidade do Sumbe.

E-mail: [guerraevangelizado@gmail.com](mailto:guerraevangelizado@gmail.com).

**Rosell Ramón Hidalgo Herrera.** Prof. Doutor em Ciências Pedagógicas, Mestre na Educação, opção Direcção Educacional. Licenciado em Educação, Especialidade de Educação Primária. Professor do Departamento de Ciências Sociais na Universidade Katyavala Bwila, ISCED Cuanza-Sul. Autor de Programas de Disciplinas de Pré-graduo, Cursos e Treinamentos de Pós-graduo e Artigos publicado em Revistas Nacionais e Internacionais.

E-mail: [rosellhgo@gmail.com](mailto:rosellhgo@gmail.com). 922590834